

Considerações econômicas sobre a escravatura

Quando vieram os cristãos do século XVI estabelecer-se na América, onde deviam semear os germes da vindoura civilização e associar os destinos do novo aos do antigo hemisfério, assinalaram sua presença por todas as calamidades e horrores, de cuja comitiva andava a conquista naquelas eras constantemente ladeadas: por estranho jogo das coisas humanas teve o gênio do mal larga parte em um movimento tão rico de futuro, de potência e de civilização. A princípio até causaram um mal tanto mais terrível, quão grande era a obra que as leis providenciais do universo os incumbiam de levar a efeito, e quanto insuperável o antagonismo que ia de permeio entre o fim e mira da conquista e a paixão indomável de independência individual, que caracterizava os filhos do deserto. A par de espoliar os aborígenes, ainda os exterminaram como vissem que nada deles podiam obter, porque, erradios, sempre resistiam a assentar morada, onde pudessem prender o grilhão da independência. Lançados pelo tanto no seio da solidão de uma terra, aquém o extermínio indiano não tornava espontaneamente produtiva, falecendo-lhes a facilidade de recrutar-se na mãe-pátria, nenhum outro recurso julgaram mais propositado para explorar seu imenso território, e arrancar ouro das entranhas das minas, do que o de ir buscar escravos na África, essa terra povoada com a raça amaldiçoada de Cam, para com quem levados de religiosos preconceitos, não cuidavam haver mister de respeito algum. Sem consciência da alta missão, cujos ulteriores

resultados longe estavam de prever, apressaram-se a transportar para o solo virgem do continente americano o elemento do trabalho por braços escravos, chaga roedora da antiga civilização.

Porção do capital fixo do proprietário, pura manobra, mera força muscular comparável em sua ação aos esforços de um dromedário, ou de um boi, tal foi o trabalhador no renovado sistema de escravidão doméstica, sistema que com admirável facilidade se dilatou além de três séculos. De um lado a própria generalidade daquele fato ataviada com razões de aparente utilidade sob o céu ardente dos trópicos, deixava em paz a consciência dos povos e falsificava os cálculos da indústria: por mistura de fraqueza e de orgulho é o homem naturalmente propenso a transformar seus próprios feitos em verdades necessárias. Do outro lado os governos, expressão completa dos preconceitos, dos erros e falsos interesses da época e desvairados pelos motivos daquela economia, que antepõe o trabalho bruto, instintivo e forçado ao livre e inteligente, mantinham e protegiam como altamente útil ao país um gênero de tráfico que, sobre o abrir uma larga ferida à humanidade, corrompe as nascentes da prosperidade pública. Hoje em dia, porém hão rebentado do seio da civilização outras ideias, outras combinações, outros costumes, outros interesses mais perfeitamente concebidos, que a passo cheio tendem a demolir uma ordem de coisas, que nunca destinada fora a ter futuro, e contra a qual está protestando um longo passado. Os progressos da reflexão, umas mais compreensivas concepções da unidade humana enjeitam por desarmoniosa e imoral a exploração do homem pelo homem: o cristianismo descartando-se da preocupação do judaísmo, e lembrando que o seu fundador fora punido como suplício dos escravos por pregar a fraternidade de todos os homens diante de Deus, convida pela boca dos Clarkson e dos Wilberforce

aos que se tem por discípulos seus a não desmentir das crenças pela opressão dos negros: ao fim a ciência das riquezas dá cabal sanção aos ditames da moral e à palavra do evangelho. Ela prova do modo o mais irrefragável que os suores do obreiro escravo jamais se vertem em chuva de ouro para o proprietário, que menos funesto ao primeiro que ao segundo é o fato da escravidão, e que se o livre trabalho em sua lata acepção é um dos destinos da espécie humana a título de instrumento primordial de toda a civilização, os povos, que têm a desdita de engastar em seu solo os horrores da escravidão doméstica, comprometem de gravíssimo modo o seu porvir, afugentando todo o prospecto de opulência e de prosperidade. Desta revolução nas ideias rompeu a origem da propaganda, que ora trabalha os países possuidores de escravos, e bem assim o movimento que acaba de levar o parlamento britânico a um passo sem igual nos faustos do mundo, votando 20 milhões esterlinos em favor da emancipação do trabalho nas suas conquistas do golfo mexicano, e isto quando a Inglaterra vergada sob o peso de uma dívida colossal, acossada pelos sofrimentos de sua população obreira, cuja miséria avulta de dia em dia, volve olhos inquietos para todas as partes de suas despesas, porque as submeta a mais severa economia. A Deus não praza que ao Brasil proponhamos o exemplo britânico; a profunda diferença das circunstâncias de uma e outra nação acarretaria a mesma diferença nos resultados, diferença que só poderia desconhecer quem sobre as espáduas trouxesse uma cabeça de louco. Mas é doloroso espetáculo para os amigos do país, que ao mesmo passo que ou paixões generosas, ou interesses bem calculados da indústria militam açodadamente para o termo definitivo da servidão, seja o Brasil assinalado como um dos países recalcitrantes, onde o tráfico de africanos continua à escala vista,

mediante um contrabando, que renunciámos a qualificar. Na primeira linha das causas deste resultado tão funesto como pouco lisonjeiro para a dignidade nacional figuram as preocupações, que arraigadas de longo prazo no espírito dos lavradores brasileiros e mais proprietários de escravos, dificilmente cedem campo às inovações da economia social, e antes pelo contrário acenam com seguros e levantados proveitos aos negociantes de criaturas humanas. Lamentamos semelhante oposição, mas não a criminamos; há naturalmente na ordem das coisas, que os anos consagraram uma grande força de resistência; o espírito humano pugna com a mesma energia por inveterados erros, como por verdades adquiridas, e nem sem grande constrangimento divorcia-se do passado para aceitar o futuro. Mas certo é também que os interessados no *statu quo* do sistema da escravidão ofendem há um tempo o senso comum e a experiência dos fatos, quando presumem que a inteira cessação do tráfico implica em suas consequências sacrifício da produção nacional e desfalque nos benefícios da indústria particular; e igualmente deslembram-se dos conselhos da prudência, quando ouvindo rodar ao longe o carro da civilização, em vez de aparelhar-se para alcançá-lo na passagem, e dentro também lançar-se, procuram ao contrário empecer-lhe a marcha com barrancos e aturados esforços. No fim das contas, porém, e a despeito de todos os obstáculos, o carro tem de passar, e tem de passar porque obedece em seu curso a uma lei infinitamente mais forte, que a vontade dos recalcitrantes, a lei do progresso e da civilização somente em vez de levá-los por diante pode abalroá-los com as suas rodagens. A história diz que as grandes reformas se hão feito no mundo, não só a despeito, mas à custa dos que para elas se não achavam preparados.

Entretanto como na base de velhos erros e nas desconfianças das promessas do futuro libram-se os esforços feitos em prol do atual sistema de trabalho não serão talvez fora de propósito que este artigo consagre ao exame da questão que circunstâncias singulares têm posto na ordem do dia, isto é, quais os efeitos sejam da servidão doméstica relativamente à produção das riquezas. — Fugindo do sentimentalismo pueril, assim como também de um cinismo insolente, maus meios um e outro de raciocinar em matéria tão grave pelas suas consequências, nós procuraremos, para a solução da questão, na vida de alguns povos possuidores de escravos o gênero de influência que sobre a sua marcha industrial exercera a escravatura, e logo desde o primeiro passo nesta investigação daremos fé de dois fatos assaz notáveis: 1º) o desprezo da classe livre para quantas ocupações têm por fim dar utilidade e valor aos objetos da natureza material para a satisfação das humanas necessidades: as únicas profissões, que pelo contrário assomam ao galarim as únicas condecoradas com o timbre da pública estima, são as que ministram meios de influência e de ação sobre os outros homens, ou sobre a sociedade; 2º) decadência da agricultura e das artes, pobreza mais ou menos geral. Uniforme, invariável e absoluta é a verificação histórica da relação existente entre estes dois fatos e a escravatura. Principiemos por considerá-la nos romanos, o povo que na antiguidade mais escravos possuiu.

Na quadra primitiva da república, e quando ainda estreme de lepra da escravidão doméstica, nenhum trabalho útil desprezaram os romanos notáveis então pela simpleza dos costumes, afinco ao trabalho, modéstia e frugalidade da vida; de outro lado o solo de Roma gratificava os esforços do trabalhador livre com ricas e abundantes colheitas. Logo, porém, que levaram vencimento dos

povos belicosos da Itália e à medida que pela conquista do orbe adquiriram grande número de escravos, deram de mão à indústria e até a agricultura, que de primeiro tanto haviam honrado, e por cujo propósito oferece os anais de Roma primitiva magníficos episódios. Os próprios homens, que maior aferramento tinham às antigas usanças como era Catão, partilharam o universal desdém contra a indústria. É o horror ao desprezo um sentimento que nasce e desce com o homem ao túmulo; cada qual cobrava receios de ter parecnça com os escravos, aplicando-se de envolta com eles à produção material; a ignomínia do obreiro escravo passava ao trabalho, e este uma vez aviltado, aviltava por seu turno o trabalhador livre, deplorável resumo da história de quantos povos possui escravos. “Necessitamos, dizia Menênio no Senado, de soldados aguerridos, de gramáticos oradores, e não de lavradores, mercadores e outros da mesma laia dados a vis e ignóbeis profissões”¹. Neste ponto o senador fazia toada com a filosofia da Grécia² a qual erigira em máxima de política, que indignas eram do homem livre agricultura, o comércio e as artes: isto assim deveria ser. A filosofia de uma época é a representante a mais completa dessa mesma época; somente ela resume e formula cientificamente as crenças das massas, ou por que assim o digamos, destila em golas límpidas a substância grosseira do pensamento popular.

Dionísio de Halicarnasso, que nos conservou aquele singular discurso de Menênio, conta-nos que a legislação seguiu de perto o movimento dos costumes, e que bem depressa foi tolhida aos cidadãos a prática das artes mecânicas, tocando-se por este modo a

¹ Dionísio de Halicarnasso, tom. II; liv. VI, pag. 53.

² “Em um Estado bem governado, escreveu Aristóteles, não devem os cidadãos exercer artes industriais, nem dar-se ao comércio. Se porventura quereis que os cultivadores da terra encham as medidas do desejo, cumpre que sejam escravos, e escravos estrangeiros” (Aristóteles, *Moral e Política*, tom. II, p. 458, edição de M. Thurot). Dessemelhante não era o teor do pensar de Platão a esse respeito, e este homem, que aliás por tantos títulos se recomenda à posteridade, agastava-se mui seriamente de que se houvesse desbotado as ciências por sua aplicação às artes.

perfeição social preconizada pela filosofia grega. A verdade foi que de dia em dia desmedrou a vida dos campos e o amor do trabalho e que a introdução de escravos torceu para o ócio o ânimo da população romana de tal sorte que, quando C. Graccho corria a Toscana, demandando a Numídia, deparou, ao dizer de Plutarco, com o país quase ermo: “Os que a terra cultivavam ou guardavam rebanhos eram em totalidade escravos bárbaros”³. Nós sabemos a maneira por que esta nação se fornecia de escravos; os *Comentários* de César ensinam o como este conquistador destinava nações inteiras a ser vendidas debaixo da lança do pretor. As fronteiras do Reno, do Danúbio, as da África e do Eufrates eram espécies de mercados de escravos; e como estes substituíssem a massa dos cultivadores livres, em breve se aglomeraram as propriedades rurais nas mãos de um diminuto número de opulentos proprietários, sendo tragadas as pequenas culturas pelo sorvedouro dos grandes domínios. A completa decadência da agricultura foi a imediata consequência de um tal estado de coisas. Todos os agrônomos romanos, que como Plínio, Columella e Varro, por muito alumiados não capitulavam com os erros do seu tempo, queixam-se amargamente da fatal influência da escravidão sobre a agricultura. “Qual era a causa daquelas abundantes colheitas, pergunta Plínio, falando dos primeiros tempos da república. É que então homens consulares se ocupavam do cultivo dos campos, entretanto que hoje anda entregue a desgraçados carregados de ferros, e que sobre a fronte trazem o ferrete vergonhoso da servidão”⁴. A negligência, incapacidade e má vontade dos escravos, donde resultara a deterioração da agricultura, são por Columella descritas com uma sagacidade admirável, descrição que

³ Plutarco, *Vida dos Gracos*.

⁴ Plínio, *Hist. nat.* liv. XVIII, c. m.

ele termina, estabelecendo como princípio fundamental que o trabalho do colono livre é sempre superior ao do escravo, qualquer que possa ser o gênero de cultura ⁵.

E o que diremos do estado das artes industriais depois da introdução dos escravos? Não é intenção nossa deserdar totalmente a antiguidade da parte, que a este respeito lhe é devida; mas quando se lança os olhos para indústria romana, fica-se confundido da imensa distância que a separa não só da indústria das nações modernas, mas ainda da de outras contemporâneas de Roma, que escravos não possuíam. Qualquer que fosse então à potência individual do sábio, a ciência não penetrava nas oficinas. A mecânica prática dos antigos consistia essencialmente em um espantoso consumo de homens empregados como força muscular. Uma vez que o homem tem a sua discrição grande quantidade de outros homens a título de escravos, a necessidade de economizar tempo e forças jamais se lhe apresenta ao espírito. É esta a razão por que o uso das máquinas foi desconhecido de toda a antiguidade e por que em alguns países modernos a escravatura é insuperável empeço à introdução dessas engenhosas e brilhantes filhas da civilização, que tão eficaz assistência prestam ao homem, enriquecendo-o de uma potência, que ele em vão procuraria nos seus órgãos físicos, ou que só poderia provir de numeroso concurso de forças humanas. A distinção principal, que lavra entre o homem no estado de uma sociedade grosseira e imperfeita e o homem na sociedade civilizada, consiste em que um prodigaliza suas forças naturais, entretanto que o outro as economiza e as poupa, tirando partido das forças, que

⁵ Eis as próprias palavras de Columella: "Maxime vexant servi, qui boves elocant, cosdemque, et coetera pecora male pascunt, nec indutri terram vertunt, longeque plus imputant seminis jacti, quam quod sererint: sed nec quod terrae mandaverind, sic adjuvant, ut recte proveniat idque cum in arcam contulerunt, per tritiram quotidie minunt, vel fraude, vel negligentia. Nam et ipsi deripiunt, et ab aliis furibus non custodiunt. Sed nec cum fide rationibus inferunt.....
Omno genus agri tolerabilius sub liberis colonis quam sub villicis".

encontram esparzidas em torno de si: para domar a resistência da natureza material, ele arma sua fraqueza com máquinas. Dois exemplos, um escolhido entre os antigos e outro entre os modernos farão bem sentir a verdade daquela diferença.

Lê-se em Heródoto ⁶ que a construção da grande pirâmide egípcia ocupara 100 mil homens durante 20 anos, o que equivale a 2 milhões de obreiros por um ano, sem contar os trabalhos da extração, carreto das pedras, abertura de galerias subterrâneas, trabalhos que, per si, só dez anos duraram. O serviço de 100 mil homens, renovados de três em três anos, e estupidamente empregados neste monumento, que nenhum outro fim tinha além do de satisfazer o orgulho do tirano que o erigia, foi um objeto de calamidade e de horror para o povo egípcio, porque privados os obreiros de máquinas e empregando quase exclusivamente forças braçais, pereciam em extraordinário numero de afã, de miséria e de moléstias junto daquele colosso de pedra. Ora, tem-se calculado que todas as máquinas de vapor da Inglaterra postas em ação por trinta mil homens somente extrairiam a mesma quantidade de pedras, e as levantariam à altura da grande pirâmide no curto espaço de dezoito horas ⁷.

Um outro fato recente, mas que por sua natureza é um anacronismo na história moderna, revela igualmente todas as misérias da condição humana, quando no escravo encarando tão somente a pura força corporal, o empregais como utensílio, ou como máquina. O paxá atual do Egito em um desses acessos de capricho a que os tiranos costumam ser sujeitos, querendo, há bem poucos anos, limpar um dos antigos canais do país obstruído pela vasa, nenhum outro meio imaginou para obter este resultado, senão o de

⁶ Heródoto. liv. II. Euterpe. (Nota: não consta no texto a inserção desta nota, embora esteja no rodapé).

⁷ *Des Machines et de leurs effets*, cap. XI. p. 133.

encarregar desta tarefa 50 mil homens despidos de toda a espécie de máquinas, 50 mil homens, que a si mesmos deviam servir de pás, de bombas e de batedouros; o volume dos corpos humanos, seus peitos e braços, tais foram os utensílios. Eles obedeceram e precipitaram-se no canal. Não sabemos se este foi com efeito limpo, porque a história não o diz; ela diz somente que, no fim do primeiro ano, haviam perecido mais de trinta mil daqueles infelizes homens-máquinas⁸. Ora, qualquer país civilizado da Europa, onde não existem escravos, nem a possibilidade de consumirem-se homens com a mesma facilidade com que se consome o combustível em uma fornalha, e onde por consequência a necessidade força o homem a ser inventor, teria estabelecido máquinas de vapor para sorver a água e limpar a vasa, ou simplesmente teria adaptado à bomba o parafuso por Arquimedes inventado para secar as terras daquelas mesmas regiões.

Recorrendo à potência do vapor e das máquinas em vez do trabalho muscular do escravo, a sociedade moderna teria feito precisamente aquilo que reclamam os interesses da indústria e o respeito para a natureza do homem, isto é, o operar sobre a matéria pelo intermédio da matéria, como condição única de sucesso, e reservar a intervenção do trabalho dos órgãos físicos a não ser outra coisa mais do que a expressão da inteligência, como na marcha do navio intervém a mão do piloto.

Assim também que enorme distância entre o mundo antigo e *parte* do mundo moderno sob o ponto de vista da produção das riquezas! Quem diz trabalho, pressupõem três termos: o objeto, ou o mundo material, o agente, ou o homem, o instrumento direto, e imediato, ou seus órgãos e sua inteligência, dupla força como dupla é

⁸ *Das Maquinas e seus resultados*, c. xv, Edição Inglesa.

a sua natureza. Mas bom é notar que não tem sido pelo desenvolvimento do poder corporal que as sociedades modernas têm feito maravilhas no campo da indústria, porém sim pelo desenvolvimento do poder intelectual, o qual lhes procura enérgicos auxiliares para a grande obra da transformação do globo. Ora incompatível com a escravatura é este gênero de desenvolvimento. Que incentivo levaria o escravo a dilatar a esfera de sua inteligência? Doutro lado que força há aí bastante para mudar de direção a marcha natural das coisas, que convida o senhor a votar desprezo às artes mecânicas? Por isso quanto recurso, quanta potência nas sociedades modernas existe, de que os romanos nenhuma ideia tiveram, ou de que nunca curaram tirar partido por sua aplicação em grande aos trabalhos da indústria, e do comércio! Hoje um habitante da mais modesta classe social na França, na Inglaterra, ou no norte dos Estados Unidos goza de mil objetos da indústria e das artes de que não podia gozar o povo-rei, à exceção de um diminuto número de patrícios. As sedas se vendiam em Roma antiga ao peso dos metais preciosos, o que certamente provinha das enormes despesas de produção em consequência da imperfeição dos processos industriais e da incapacidade dos obreiros. Plínio relata ⁹ que os estofos de lã vendiam-se igualmente ao peso de ouro; e por que se faça ideia justa da exorbitância daquele preço, releva lembrar que o ouro e a prata valiam então quatro vezes mais do que na época atual, conhecimento a que os economistas têm chegado, tomando como medida de comparação o valor pouco variável do trigo. A escultura e arquitetura, que haviam sido importadas da Grécia, onde subiram ao vértice da perfeição, permaneceram sem desenvolvimento algum nas mãos dos

⁹ *Hist. nat.* c, xxxix.

escravos romanos. Nem uma só estátua romana existe que merecer possa, não diremos a admiração, mas ao menos a atenção da posteridade, por sua perfeita execução, com quanto tivessem os escravos excelentes modelos nas estátuas trazidas da Grécia para decorar os monumentos de Roma, como o Laocoonte, o Gladiador, a Diana, o Apolo de Belvedere, e muitos outros primores do grego cinzel. Os monumentos mais perfeitos, que de Roma remanescem, são todos devidos a artistas gregos, e oferecem não pequeno contraste com os levantados pelos escravos romanos, como, por exemplo, o arco de Constantino, a Basílica de S. Pedro e S. Lourenço, cujos mosaicos são tão mal concebidos, quão grosseiramente executados.

Ao lado da imperfeição das artes e sobre as ruínas da agricultura surgiu um flagelo terrível, que trabalhou Roma em todo o decurso da sua difícil existência, o flagelo do pauperismo. Não quer isto dizer que não existiam no país riquezas colossais; mas essas riquezas adquiridas pela conquista e pela opressão não eram transformadas em capitais para dar trabalho ao obreiro livre e alimentar a indústria; elas eram pelo contrário improdutivamente consumidas, servindo de pasto ao luxo dos patrícios, vício comum a todos os povos possuidores de escravos. Pobreza geral das massas sociais ao lado de um fausto desmedido, imoral e insolente; era o vício radical, que nos fins da república solapava pelos alicerces o edifício balofo da cidade eterna. O plebeu do campo, uma vez substituído pelo escravo bárbaro, correu a Roma para engrossar no Fórum as filas daquele enxame de cidadãos deslustrados pela miséria que, além do ar e da luz do sol, tinham unicamente por cabedal o sufrágio eleitoral, desgraçado cabedal, sobre o qual especulavam no rodopelo das desavenças civis, vendendo-o ao primeiro chefe de facção! Privada do exercício da

agricultura, habituada pela constituição social a desdenhar a indústria e demais disso inibida pela natureza das coisas de entrar em concorrência com os escravos, a plebe romana só armou então as munificências do tesouro público ¹⁰ a quem alimentavam as dilapidações exercidas sobre os povos vencidos pelos pretores e pró-cônsules, para fazer face já às distribuições gratuitas de trigo, já aos jogos sanguinolentos do circo. *Panem et circenses!* Tal foi o grito geral dessa triste época de miséria, de ócio, de corrupção e de desordem. Quem a iniquidade semeia, não pode colher o bem; mal foi aquele que a providência divina associou como o abutre de Prometeu à violação da lei universal da Ordem.

Nos tempos modernos o mesmo fato reproduz-se, sem mudar de fisionomia. Há aí poucos homens no globo que possam equiparar-se ao holandês em atividade, paciência e perseverança nos trabalhos da indústria. Irrefragável mostra desta verdade é a própria Holanda, de um solo tão ingrato, tão estéril, tão mal aquinhoado nos dons com que a natureza mimoseou outros países, e quase disputado polegada a polegada ao império das águas. Todavia essa Holanda, graças ao maravilhoso industrialismo de seus habitantes, em uma época que não está muito arredada daquela em que vivemos, era o empório e a pedra do anel do mundo comercial. Pois bem; o holandês, logo que deixa o solo natal para estabelecer-se nas colônias onde a agricultura e as artes mecânicas são o apanágio dos escravos, torna-se outro homem; o contacto da escravidão nele opera a mais repentina metamorfose; de industrioso que era, muda-se em indolente, entranhando-se de invencível repugnância para a produção material. No Cabo da Boa-Esperança, o holandês jamais trabalha; até os indivíduos saídos das últimas filas da ordem social e que por isso

¹⁰ No fim da república orçava a 320 mil o número dos cidadãos que recebiam trigo gratuitamente do tesouro. (Dionísio de Halicarnasso, tom. II, p. 322).

mesmo mais modestos deveriam ser, cuidam desonrar-se aplicando-se à indústria e miram todos à posição mais alta do que aquela, com que os sorteou a fortuna, logo que conseguem a posse de escravos, único alvo a que atira a ambição dos colonos, único fim de todas as economias. Um viajante, que estudou atentamente as faculdades industriais deste país, não reparou em dizer que o expediente único para fazê-lo marchar na via dos progressos seria o de povoá-lo com colônias de chineses ¹¹. O estado da agricultura e das artes é o reflexo fiel do torpor e preguiça em que jazem os habitantes. "A charrua de que se servem é uma imensa e pesada máquina tirada por quatorze bois, que apenas raspa a superfície do solo. Se os plantadores carecem de cordas, servem-se de tiras de couro; se carecem de linha, a substituem com fibras de veado; uma mistura de água, açúcar e fuligem de chaminé recebe da indolência a missão de representar a tinta: graças às consequências da servidão doméstica, o agricultor holandês conserva-se imóvel no seio de todas as precisões da vida".

Quase insensível é a diferença das influências gerais, que não operado sobre o desenvolvimento da civilização do Meio-Dia e do norte dos Estados Unidos. A mesma origem, a mesma história política e religiosa, os mesmos destinos sociais, a mesma liberdade nas instituições e nos governos, no habitante de um e de outro lado da União. Entretanto, todos os viajantes que visitaram os Estados Unidos concordam em assinalar uma imensa distância não só entre a capacidade industrial do homem do sul e do homem do Norte, como também entre o grau de produção e de riqueza dos estados colocados nestas duas diversas latitudes. O clima do sul é mais salubre, o seu solo mais fértil e rico que o do norte; apesar, porém, destas

¹¹ Barrow. *Viagem à parte meridional d'Africa*, tom. II, c. v, p. 203.

vantagens naturais, o sul oferece desmarcada inferioridade em prosperidade e opulência comparativamente ao norte. "As leis das tarifas, diziam os habitantes da Carolina ¹² em 1812, enriquecem o norte, e arruínam o sul, porque de outro modo como poder-se-á conceber que o norte com seu clima inospitaleiro e seu solo árido aumente em riqueza e carecem de cordas, servem-se de tiras de couro, se carecem de linha, a substituem com fibra de veado, os obreiros livres desaparecem em massa dos estados possuidores de escravos: a emigração dos primeiros está na razão da importação dos segundos ¹³. Eles afluem para o grêmio dos infatigáveis estados do norte onde a indústria longe de ser menosprezada é precisamente a profissão do galarim. Na maioria das vezes o habitante do sul nasce empregado público, ou para nada serve ¹⁴. O americano do norte, que escravos não possui, nasce agricultor, manufactureiro, negociante, artista; ele é quem leva a todos os pontos do globo as riquezas nacionais e traz as do globo para o seio da confederação; ele é quem afronta a flecha do índio e os horrores do deserto; são as povoações puras de escravos de Rhode-Island, Massachusetts, Connecticut, Pensilvânia, New York, Ohio etc., que hão empreendido e levado a efeito a assombrosa quantidade de obras hidráulicas, estradas, máquinas de vapor, bancos, fábricas, instituições úteis de toda a espécie com fervor tal que, nestes últimos anos, vai disparando em um industrialismo febril: são elas que marcham em coluna contra a floresta, sua natural inimiga, que improvisam vila e cidades como por encanto, e que agora mesmo, como se já o espaço lhes faltasse, estão avançando sobre as Montanhas Pedregosas (*Rocky Mountains*) e apresentando o aspecto de um dilúvio de

¹² Vede o relatório feito pela comissão.

¹³ M. Charles Comte. *Tratado de Legislação*, tom. IV, pág. 87.

¹⁴ *Idem*, tomo IV, pág. 3.

indústria e de civilização que sobe sem parar e levanta incessantemente a mão do Criador. Para que mais precisa ideia façamos do caráter industrial do sul e do norte, vejamos o que diz a este respeito M. de Tocqueville na sua admirável obra acerca dos Estados Unidos. "A servidão tão cruel para o escravo é ainda mais funesta ao senhor. Esta verdade recebe a última confirmação, quando se chega às margens do Ohio. O rio, que os Índios chamam por excelência o Ohio, ou Belo Rio, banha com suas águas um dos mais magníficos vales que o homem tem habitado. Sobre as duas ribas do Ohio se espriam terrenos ondeados, onde o solo quotidianamente oferece aos lavradores inesgotáveis tesouros: em ambas o ar é salubre, e temperado o clima: cada uma delas forma a fronteira limítrofe de um vasto estado: aquele que à esquerda segue as mil sinuosidades, que em seu curso vai descrevendo o Ohio chama-se Kentucky; o outro, que lhe demora à direita, tomou o nome do rio. Os dois estados somente em um ponto se discriminam: Kentucky admitiu escravos; Ohio os repeliu do seu território. O viajante, que posto no meio do rio, deixa-se levar da corrente até a sua embocadura no Mississipi navega entre a liberdade e a servidão, e por pouco que lance os olhos em derredor de si, ajuíza instantaneamente, qual das duas coisas é a mais favorável à humanidade. No lado esquerdo divisa-se de quando em quando uma banda de escravos percorrendo com ar morno e descuidado terras quase desertas; a floresta primitiva reaparece a cada passo; dir-se-ia que a sociedade dorme, o homem parece engolfado na ociosidade e só a natureza oferece ali a imagem da atividade e da vida. Do lado direito, pelo contrário, levanta-se um confuso bulício, que proclama de longe a presença da indústria; ricas searas cobrem os campos; elegantes edifícios anunciam o gosto e desvelos do lavrador; de todas

as partes a abastança se revela; o homem mostra-se contente; *e/le trabalha*.

Estes efeitos diversos da liberdade e da servidão, continua M. de Tocqueville, facilmente se compreendem: eles sobejam para dar conta da diferença entre a antiga e a moderna civilização. Em Kentucky o trabalho naturalmente confunde-se com a ideia da escravidão; em Ohio com a dos progressos materiais, degradado no primeiro estado, é um título de honra no segundo. A natureza dotou tanto os habitantes de Kentucky como os de Ohio de um caráter enérgico; diverso, porém foi o emprego que deram àquela qualidade comum. O habitante de Ohio obrigado a viver à custa dos próprios esforços cifrou na prosperidade material o fim principal da existência; e como o país que habita inesgotáveis recursos lhe oferece à atividade; e ao industrialismo a sua paixão de adquirir riquezas ultrapassa as barreiras ordinárias da humana cobiça: atormentado pelo desejo de adquirir fortuna torna-se indiferentemente navegante, manufactureiro, lavrador, suportando com uniforme constância o afã destas diferentes ocupações. O americano de Kentucky não só aborrece o trabalho, mas ainda as empresas, cujo sucesso do trabalho depende; e só ama com paixão a caça, a guerra, os jogos violentos. Se quiséssemos dar maior extensão a este paralelo, facilmente provaríamos que a grande diferença entre o sul e o norte da União tira exclusivamente origem da escravidão ¹⁵”.

O habitante do norte por um contrato bilateral paga um salário aos seus obreiros livres em permutação dos serviços produtivos que estes lhe fazem; o habitante do sul pretende-se isento da paga daquele salário, não remunerando o serviço do escravo, uma grande economia nas despesas da produção devia, pois daí resultar para os

¹⁵ *Democracia na América.*

estados do sul. Levando sobre os do norte a vantagem do trabalho gratuito do obreiro, parece ao primeiro intuito que mais baratos deveriam ser os seus produtos e maior a criação das riquezas. Entretanto o contrário acontece. Os estados servidos por trabalhadores livres avultam a olhos vistos em prosperidade; os que consomem o serviço gratuito do escravo oferecem o espetáculo inverso, e isto contra a ordem aparente dos princípios. Jaz a agricultura do sul no maior atraso; o uso da charrua é desconhecido da pluralidade dos estados; a deterioração das terras pelos péssimos processos agrônômicos é um fato atestado pelos viajantes que estudaram aquelas regiões¹⁶. As florestas são mais numerosas, mais vastas e densas no sul que no norte; as madeiras de construção deveriam, portanto ser um artigo mais comum na primeira do que na segunda parte, tanto mais que é ali menos consumido em razão da mais quente temperatura. Pois bem; é precisamente o oposto. Das madeiras de construção dos estados do norte fornecem-se os do sul para a edificação das casas. Nos países de grandes florestas, as madeiras só na presença de uma condição podem ter utilidade e valor venal, isto é, quando existem fáceis meios de transporte, porquanto o seu preço, que figura como um dos mais custosos artigos no orçamento da construção de uma casa é até certo ponto o resultado das despesas do transporte. Ora, o sul por falta de indústria em vez de abrir canais e estradas no interior de suas regiões, dá aos capitais um outro destino, e por isso não nos devemos maravilhar, se do norte importa ele aquilo mesmo que em suas florestas superabunda. E como não possa, diz M. Michaux, importar de New York e da Filadélfia casas já feitas e prontas, manda vir destes estados com grande dispêndio os obreiros livres de que há mister, visto que a

¹⁶ M. Michaux. *Viagem ao oeste dos montes Alleghany*, p. 9. Hudson. *Carta a J. B. Say comparando o trabalho livre com o escrivil*.

escravatura é incapaz do exercício das artes mecânicas¹⁷. Aos obreiros livres são os habitantes obrigados a pagar não só os dias do trabalho, como também um prêmio de indenização pelo desprezo a que se resignam, trabalhando na terra dos escravos, e demais disso as custas da ida e *volta*, pois que uma vez a obra ultimada, os obreiros dão-se pressa a abandonar o sul, para volver às regiões não funestas à indústria.

As substâncias alimentares são no sul demasiadamente caras em relação ao norte, onde a cultura tem feito infinitamente mais progressos. As terras do primeiro têm menos valor que as do segundo; a diferença é quase de metade¹⁸. Bem simples são as razões deste fato. Primeiramente, duas circunstâncias limitam a extensão de todo o mercado; de um lado a quantidade dos consumidores dos produtos, do outro lado a soma dos meios para pagá-los. O total dos produtos que o trabalho cria anualmente e traz ao mercado de uma sociedade deve ser comprado com a renda coletiva dessa sociedade, de modo que quando a renda é limitada a massa total do produto social não pode aumentar. Os produtos da agricultura, como todos os produtos em geral, não se compram senão com outros produtos; a permutação por meio da riqueza que temos nos procura a que não temos. Ora, o sul para o consumo dos seus produtos agrícolas não contém, como o norte, uma população industriosa, sendo a sua composta em grande parte de escravos; e como a escravatura produz por produzir sem realizar benefício algum do seu trabalho, como forma uma massa miserável de consumidores destituídos de toda a posse de produtos para efetuar permutações, como consome o rigoroso necessário, unicamente para não desfalecer de fome, à semelhança de uma máquina, de uma espécie de *tread-mill*, que obra sem fim intencional

¹⁷ *Viagem aos Montes Alleghany.*

¹⁸ Charles Comte. *Carta de Hudson a J. B. Say.*

e absorve a quantidade de óleo e outros socorros necessários à sua ação, porque a marcha se lhe não interrompa; daí resulta que o valor das terras e o proveito do serviço dos capitais empregados na sua exploração são menores no sul que no norte, onde a riqueza é distribuída por todas as classes, por todos indivíduos em relação à sua capacidade produtora e à energia de seus esforços, e onde por consequência mais abundam os produtos destinados a ser permutados pelos da indústria agrícola. Em segundo lugar, releva notar que o trabalho que acompanhado do capital dá a terra o valor que ela por si só não possui é no sul mais imperfeito e menor em quantidade que no norte. A escravatura é um instrumento ruinoso de produção: o obreiro livre produz incomparavelmente mais que o escravo; do mesmo modo que a liberdade do trabalhador favorece a potência da indústria e o desenvolvimento da riqueza, a servidão produz o resultado inverso. O senso comum de todos os homens verifica e confirma a experiência feita nos Estados Unidos.

A indústria fez a sua aparição no mundo no dia e na hora em que o homem sentiu a primeira precisão, como elemento condicional de sua existência, a qual ele só poderia manter pondo-se a braços com a natureza externa. Limitada e circunscrita no princípio, como limitado e circunscrito era o círculo das precisões naturais, mais tarde ela seguiu em progressão igual à multiplicação infinda das criadas pela civilização. Em relação ao mundo externo a indústria não figura só como uma potência, mas também, e principalmente, como uma necessidade. Suprimi pelo pensamento a necessidade de trabalhar e tereis suprimido toda a indústria, e com ela a civilização. Ora, o trabalhador do sul não pertence a si mesmo, não leva nos trabalhos fim e intenção alguma, não tem diante de si

futuro, nem dia de amanhã; trabalhe muito ou pouco, ele sabe que o proprietário tem obrigação de nutri-lo no seu próprio interesse, que a sua ração está medida como a do boi da charrua, qualquer que seja a extensão dos seus esforços; não sendo por consequência influído por algum dos incentivos que empuxam o homem ao trabalho, abandona-se completamente ao pendor da inércia e da preguiça, torna-se uma máquina obstinada, uma máquina difícil a conduzir. Os golpes do azorrague são ineficazes meios para substituir os estimulantes naturais do trabalho: a experiência de todos os dias tem mostrado que o escravo acaba por habituar-se aos suplícios mais duros. O obreiro do norte é seu próprio fim, tem uma personalidade, resultado de sua inteligência, e moralidade; ele não produz por produzir, porém sim para viver, para arredar a miséria de si e de sua família, para melhorar o seu destino, para gozar para desenvolver-se, para representar o papel, que nesta curta viagem do homem pelo globo a providência marcou a cada indivíduo. O mais alto interesse convida, pois, o obreiro livre a aplicar todo o seu zelo, atividade e inteligência à obra da produção, na certeza que a maior ou menor soma de trabalho por ele feito implica aumento ou diminuição nos seus próprios lucros. O escravo, produzindo sempre para o senhor e nunca para si, trabalha o menos que lhe é possível, e de indústria procura causar ao proprietário todos os gêneros de perdas.

Quer na quantidade dos produtos, quer na sua qualidade, quer na indústria agrícola, quer na manufatureira, o trabalho do obreiro livre é superior ao do escravo. Mas é mormente na produção manufatureira que um abismo de diferença separa o primeiro do segundo. São os produtos da agricultura em grande parte a obra da natureza, a qual mais ou menos faz o seu dever, por imperfeito que seja o processo do lavrador: os produtos das manufaturas sendo

essencialmente devidos às varias espécies de transformações que à matéria primeira imprime o obreiro, são pelo contrário criação do homem, se é que nos é licito usar de semelhante metáfora, e requerem por consequência mais que tudo aquela inteligência, habilidade e zelo de que é absolutamente incapaz o escravo africano, não só pela desgraçada conformação do seu crânio, como pelo embrutecimento e má vontade inseparável da condição servil, que o impedem de levantar-se acima de uma estúpida rotina e de aplicar à produção outro trabalho além do físico, maquinal, esclarecido apenas de um pálido reflexo de inteligência. E quando mesmo, por uma assombrosa anomalia ele tivesse de um James Watt ou de um Boulton a potência intelectual, forcejaria por escondê-la aos olhos do proprietário, e por não empregá-la no seu serviço, não redundando semelhante emprego em vantagem alguma individual.

O obreiro livre, para não sucumbir na concorrência dos outros da mesma espécie, cura de dar a seus órgãos aptidão e destreza e a seu espírito a maior capacidade técnica, tanto mais que sabem que por este meio se enriquece de um duplo capital, capital tão verdadeiro e tão real, como as máquinas, as matérias primeiras e o numerário do empresário de indústria que o assalaria.

De todos os elementos sobre que repousa a economia das manufaturas, o mais importante, talvez, é a divisão do trabalho entre os obreiros, que concorrem ¹⁹ à produção de um mesmo artigo. Ele economiza o tempo que inevitavelmente perderia o obreiro, passando de uma à outra ocupação, e servindo-se sucessivamente de

¹⁹ A estas causas da supina estupidez do escravo devemos ajuntar que o sul da união americana há vedado por leis violentas e severas a instrução dos seus escravos. Singular situação, ainda que consequência lógica de um mau princípio: O estado de Carolina por uma lei promulgada em 1800 pune com 20 açoites o escravo encontrado em uma aula de instrução primária e uma multa de 100 dólares 120 : 000 rs. É infligida por uma outra lei do mesmo estado ao mestre que ensinar a ler e escrever ao escravo. Em 1821 Virgínia adotou uma lei concebida no mesmo espírito, proibindo a reunião de escravos em uma escola, com o fim de aprender a ler e escrever, sob pena, em caso de violação da lei, de vinte açoites, pena pronunciada por um simples juiz de paz. A legislação de Carolina do Norte pune o mesmo crime com 29 açoites, e condena o mestre, ou aquele que vende Bíblias a escravos a pagar a multa de 500 dólares, 600 : 000 rs. Na Geórgia a cifra da multa é idêntica, e idêntico o número de açoites, com que se castiga o escravo. [Esta nota de rodapé não tem indicação no texto].

instrumentos diferentes: aperfeiçoa e multiplica rapidamente os produtos, aplicando exclusivamente a inteligência do obreiro a uma operação simples e dando-lhe aos órgãos, pela frequente repetição dos mesmos atos, uma celeridade e destreza a que nunca chegaria aquele que há um tempo executasse trabalhos de gênero diverso e variado. Ora, incompatível é com a escravatura a divisão do trabalho.

Ela pressupõe no obreiro boa vontade e desejo de dilatar a sua capacidade produtora, desejo que jamais assoma no espírito do escravo. Ainda que milhões de vezes repitam a mesma operação, a última vez assemelhar-se-á à primeira na falta de agilidade e imperfeição da coisa produzida, observação esta que induziu M. Charles Comte a avançar que todos os escravos dos Estados Unidos reunidos de concerto aos das colônias europeias não poderiam jamais fabricar um bom alfinete ²⁰. Enfim não necessitamos insistir sobre estas ideias, quando é geral o clamor em toda a América ²¹ contra a incapacidade, relutância, preguiça e vida desordenada de escravos. Até aqui havemos aceitado a hipótese de ser com efeito gratuito para o proprietário o serviço do escravo; mas esta ilusão que domina o fundo do espírito dos americanos do Meio-Dia da União desvanece-se diante o mais leve sopro da análise. Se de um lado aos escravos não pagam salário, de outro lado fazem um dispêndio de natureza mais ruinosa, o qual se compõe dos seguintes artigos:

²⁰ *Trat. de Leg.* tom. IV, pág. 276.

²¹ Não é só na América que o escravo mostra-se preguiçoso e incapaz para o trabalho. Os servos da Rússia não têm igualmente alguma das qualidades que constituem o bom trabalhador; e as terras por eles cultivadas dão uma renda incomparavelmente menor que as cultivadas por camponeses livres. M. Storck, estimável economista russo, depois de ter provado com vários exemplos o quanto em seu país é a cultura livre superior em vantagens à cultura servil, prossegue nos seguintes termos, « Se apesar de todos os estimulantes prodigalizados desde século e meio com o fim de animar a indústria, esta tão poucos progressos tem feito em nosso país; se elaboramos na carestia, já não digo de manufatura, mas ao menos de obreiros nas oficinas as mais comuns, e de primeira necessidade, se os nossos operários trabalham pela mor parte com instrumentos imperfeitos; se a divisão do trabalho é quase nula: enfim se os produtos da nossa indústria são interiores aos do estrangeiro na qualidade e quantidade, deve-se disso acusar a escravidão. E ela a principal causa que na Rússia comprime as molas da indústria, e o maior obstáculo á riqueza que os povos podem encontrar. Quando de riqueza falo, entendo a riqueza nacional, e não a de alguns indivíduos. Todos os países possuidores de escravos contam ao lado de uma inúmera quantidade de pobres alguns proprietários imensamente ricos; mas esta desigualdade de fortuna é um outro mal político, e antes condena do que justifica o princípio da servidão.» [*Curso de economia política*, tomo III, p. 184 e 185.)

1º Os fundos acumulados dispendidos na compra dos escravos. Sobe o número dos escravos ora existentes nos Estados-Unidos a 2.009.000²². Computado a 250.000 réis o valor médio de cada um, representará o cômputo adicional feito sobre o total da escravatura a quantia de 502.250.000.000 réis. Assim, entretanto que o norte em salários dispende gradualmente os valores acumulados, o sul é obrigado a embeber de uma só vez na escravatura aquela enorme cópia de capitais. Ora, não é indiferente para a indústria e para a riqueza social a diversidade destes dois métodos de obter o serviço do obreiro. O norte pagando ao obreiro livre por dia, por semana, ou por empreitada, conserva livres as suas riquezas para aplicá-las à produção e às empresas, que fazem gradar a pública prosperidade, como estradas, canais etc. O manufactureiro do norte emprega os fundos, que à aquisição de escravos destina o manufactureiro do sul em matérias primeiras e instrumentos, reservando tão somente uma fraca parte em numerário para paga dos obreiros; outro tanto faz o lavrador do norte, que consagra todas as economias a agricultar e a benfeitorizar a maior quantidade possível de terras. É verdade que no fim de uma certa época haverá equação entre a cifra, que representa os capitais consumidos debaixo da forma de salários, e a cifra dos valores empregados na compra dos escravos. Mas não é igualmente menos certo que quando chegam àquela época, as sociedades do norte se não enriquecido com os benefícios, que, no intervalo, lhes procurara a aplicação dos seus capitais aos trabalhos produtivos. A escravatura assemelha-se àquilo que os economistas chamam *capital fixo*. Ora, toda a economia feita sobre as despesas de um capital fixo, quando ela não diminui a potência da produção, deve aumentar os fundos, que põem a indústria em atividade, e avultar por

²² M. Baumont. *Esclavage aux Etats-Unis*, t. II, p. 229.

consequência o produto anual da terra e do trabalho, principais fontes do redito de todas as sociedades.

2º O interesse anual da soma empatada na escravatura, o qual calculado a cinco por cento, nos Estados Unidos monta a 25.112.500.000 réis.

3º O prêmio de seguro pela vida do escravo suputado sobre o termo provável de sua duração. Assombrosa é a mortalidade dos africanos importados na América. Fixam uns a seis, outros a sete por cento o número dos negros que a morte ceifa cada ano nas plantações americanas. O prêmio de seguro deve pelo tanto ser assaz alto, por que renove os fundos perdidos com a vida do escravo.

4º As despesas da manutenção, vestidura e cura das moléstias.

5º As perdas de serviço produtivo, que sofre o proprietário, quando o escravo por enfermo, ou por velho, não pode trabalhar. "Nada há aqui tão frequente (diz M. de La Rochefoucault, falando de Maryland) como ver-se um proprietário de cinquenta escravos não poder empregar trinta nos trabalhos da plantação. Dez obreiros livres fariam pelo menos um trabalho igual ²³". Antes de pôr remate a estas observações acerca dos Estados Unidos, cumpre que não passemos por alto um fato assaz notável e significativo, originado pela escravatura; queremos falar da desigualdade do desenvolvimento numérico dos habitantes entre o Meio-Dia e o norte da União. O progresso da população sobremodo rápido no norte é vagaroso no sul, onde oferece o traslado do lentor, com que ali caminha a indústria. De 1790 a 1830 os Estados Unidos mais de uma vez pararam no meio da carreira para tirar conta dos seus ganhos em população, e mais de uma vez deram fé deste resultado importante,

²³ 3ª parte, tom. IV, pág. 85.

que os estados proprietários de escravos são superados no acréscimo da população pelos estados servidos por obreiros livres. — Para abonar este fato invoquemos alguns exemplos. Em 1790 possuía Kentucky mais de 61 mil habitantes; Ohio ainda não existia; foi fundado doze anos mais tarde que o estado de Kentucky. Em 1830 era a população deste último de 522.704 habitantes, entretanto que na mesma época possuía Ohio 937.903, sobrepujando por consequência a Kentucky em 415.199 habitantes. Mais quantiosa que a de New York era a população de Virgínia em 1790; orçava então o número de seus habitantes a 454.183 quando New York só contava 318.796. Volvidos quarenta anos, apareceu um resultado inverso: em 1830 Virgínia tinha 741.654 habitantes e New York 1.918.534. New York, que apenas dez representantes dava ao Congresso Federal, quando Virgínia dava 19, conta ali hoje 40, e Virgínia somente 21. Tal atraso no aumento dos habitantes desfalca de dia em dia aquela antiga preponderância de Virgínia sobre a federação, que lhe acareara a glória de ler fornecido a república de quatro presidentes.

O estado de Maine era inferior em população ao da Carolina do Sul em 1790; constava a do primeiro de 96.740 habitantes, e a do segundo de 141.979. Na segunda época, que tomamos por termo de comparação, Maine continha 399.955 habitantes e Carolina do Sul 265.784²⁴.

Se este mesmo paralelo aplicarmos a todos os estados do sul e do norte, alcançaremos sempre uma resulta idêntica à que acabamos de assinalar, mas qual é a causa deste efeito? – Por que mecanismo pode a escravatura empecer o livre desenvolvimento da população? – Para sua solução, esta questão há mister que remontemos às leis

²⁴ Veja-se a respeito da população nos Estados Unidos as tabelas estatísticas insertas na obra de M. de Baumont, *Marie ou l'Esclavage aux Etats-Unis*. tom. II, pág. 251.

gerais, que regem o aumento e a diminuição da população.

A raça humana encerra em si grande tendência à reprodução e uma prodigiosa força prolífica. Metendo em linha de conta os casos de celibato, viuvez, esterilidade, morte de fetos e outros acidentes, tem-se calculado (termo médio) seis filhos para cada família, como uma possibilidade incontestável e um dado inegável, podendo-se por isso afirmar que se por ventura as circunstâncias exteriores marchassem em harmonia com as disposições físicas do homem, em curto trato de tempo se multiplicaria a população de cada país, em 10, 15, 21, ou 25 anos, pouco importa. Mas quais são as resistências exteriores que atalham este rápido desenvolvimento da espécie humana? Os limites dos meios de subsistência. A população numérica de cada país está invencivelmente subordinada à quantidade dos produtos necessários para satisfazer-lhe as precisões. Indiferente é para o que afirmamos o saber, se é exata ou não a famosa teoria malthusiana na parte, em que pretende que a população se multiplica em progressão geométrica, como 2, 4, 8, e as subsistências em progressão aritmética, como 1, 2, 3 etc. O que anda fora de toda discussão é que a produção das riquezas constitui a medida da população, ou que a segunda se multiplica na razão da primeira. Se infinitas fossem as subsistências em um país, ninguém poderia calcular o ponto em que cessaria de realizar-se o acréscimo virtual da população: a multiplicação infinita dos produtos multiplicaria infinitamente os consumidores desses produtos.

Mas esta hipótese é um brinco da imaginação: os meios de subsistência são pela natureza das coisas limitadas, e a soma de obstáculos que oferecem à população é como o quadrado da rapidez com que esta tende a crescer, de sorte que as resistências ao seu

aumento obram realmente como aquelas que ao movimento dos corpos opõem os meios, que eles atravessam. Todas as outras causas, que na opinião popular parecem ter decidida influência sobre a população, não a tem realmente. A peste, as epidemias, as guerras, os desastres sociais sobre ela exercem uma ação imperceptível, insignificante, por que a virtude prolífica da espécie humana tende com rapidez admirável a encher os vazios feitos por aquelas calamidades, até que o número dos recrutados toque as balizas postas pelos meios de subsistência. Assim tem-se visto (e a este respeito numerosos são os exemplos) populações estacionárias dizimadas por epidemias horrorosamente mortíferas a ponto de ceifar o quinto dos habitantes do país, multiplicar-se em progressão geométrica, uma vez cessada a epidemia e reparar em curto prazo as perdas sofridas, mas conservar-se estacionárias como antes, logo que este resultado teve lugar, isto é, logo que entre a produção do país e o número dos habitantes restabeleceu-se o equilíbrio. De outra parte longa série de observações tem feito ver que os estimulantes artificiais empregados com o fim de avultar a população, como hospitais, casas de enfeitados, instituições higiênicas, prêmios pecuniários para casamentos, não surtem o desejado efeito. Alguns destes meios produzem, sim, o precioso benefício de melhorar a condição das sociedades, prolongando o termo médio da vida dos habitantes: eles são vantajosos neste sentido, conservando a população no número exigido pelo princípio inexorável das subsistências, por uma mais longa duração média da vida e não por renovamentos mais frequentes: mais vale que um lugar no mundo seja ocupado durante 46 anos por um só indivíduo do que sucessivamente por dois, cada um dos quais viva 23 anos. Quanto, porém à quantidade absoluta dos habitantes, eles a não aumentam de um só homem.

Ora, destes princípios, que pela natureza circunscrita deste artigo somos obrigados a apresentar de uma maneira geral e despida de provas, resulta que o meio único em que um país deve cifrar as esperanças de aumentar a sua população, é o de dar incremento a indústria e à produção das riquezas. Quanto maior for a abundância da prosperidade material e melhor regulada *a sua distribuição*, tanto maior será o desenvolvimento numérico da população: o fim se proporcionará exatamente aos meios. É de observação que uma estrada um canal fazem medrar a população: simples é a explicação deste fato: o canal e a estrada diminuindo consideravelmente as despesas do transporte baixam o preço dos produtos, os põem ao alcance de maior número de consumidores, estimulam a produção, aumentam a pública abastança e com ela a população. A diferença, portanto entre o sul e o norte dos Estados Unidos relativamente à marcha da população tira origem da cópia maior de produtos do norte confrontado com o sul. Ora, como igualmente vimos que a escravatura tolhe o largo desenvolvimento da indústria e da riqueza, então em nome do senso comum e autorizados pela observação dos Estados Unidos, meteremos também na lista dos mil inconvenientes da escravatura o de embargar o acréscimo da população, acréscimo que quando acompanhado de certas condições é a principal causa da força e da potência dos estados. Entretanto em oposição ao que avançamos, poder-se-ia dizer: “No sul, bem como no norte da União, a ninguém falece o pão, ninguém é excluído do banquete social, como acontece ao mísero irlandês, o ilhéu ²⁵ da Inglaterra protestante, e mais razoável seria atribuir a inferioridade do sul em população a que as imigrações europeias dirigem-se principalmente para os estados do norte. É

²⁵ No original o autor emprega “ilota”.

verdade que a escassez de subsistências que abrevia a vida dos habitantes não pesa sobre classe alguma nos Estados Unidos, tanto mais que em tese geral o homem pode suportar grandes privações antes de sucumbir; nenhum ente organizado pode com ele rivalizar na faculdade de sofrer porque nenhum possui a energia de sua vontade e as ilusões de suas esperanças. Mas entre o rigoroso necessário para viver, e o necessário para viver comodamente, e manter uma família, medeia amplo intervalo ocupado por uma numerosa classe social, aquém a previdência e a moralidade impõem a necessidade de coação: oscilando entre as tendências naturais e as previsões racionais, mas compreendendo ao mesmo tempo as condições do casamento, ela acaba por resignar-se ao celibato. No país onde a produção anda restrita às estreitas dimensões, onde não são fáceis os meios de vida, o número dos indivíduos condenados a renunciar aos prazeres do casamento e a mostrar-se avaros de filhos, é incomparavelmente maior do que naquele outro país, que por sua indústria e riquezas distribui a cada habitante um mais largo quinhão de prosperidade.

Quanto á importação de colônias europeias, ela de modo algum pode explicar a diferença da marcha da população. M. Warden²⁶ na sua descrição dos Estados Unidos estima a 4.000 o número de europeus que anualmente vem estabelecer-se nos diversos estados da União: de 1808 a 1829, espaço que compreende 21 anos, haviam imigrado para o seu seio 84 mil colonos. Ora, durante este mesmo período a população duplicou-se de 5 milhões de habitantes, e por consequência sem a vinda de um só europeu ter-se-ia duplicado do mesmo modo em 21 anos, mais 4 ou 5 meses, diferença pouco sensível no resultado geral da população.

²⁶ Tom. V, pág. 104. Jean-Baptiste Say. *Cours complet d'économie politique*, tom. V, pág. 315.

Assim é óbvia a injustiça da Carolina, quando enfiando os fatos a seu modo, queixava-se de que ao sul, ao jardim da América, minguava a potência, por servir de pedestal à grandeza e à fortuna do norte. Se os estados do norte mais ricos, mais povoados, mais poderosos, são que os do sul, é porque são mais dignos de o ser, é porque na ordem das coisas deste mundo a palma da riqueza e da potência pertence de direito à capacidade, à energia e à moralidade. Livres do laço metropolitano, os habitantes do norte como os do sul marcharam de companhia ao clarão da bela estrela, que se lhes levantou sobre o horizonte, para explorar o vasto continente em que nasceram, com esta diferença, porém, que os primeiros marcharam armados do machado e do martelo, entretanto que os segundos só tiveram o azorrague por instrumento de indústria. Certo que são as regiões do sul o jardim dos Estados Unidos, mas a Carolina olvidava de meter em linha de conta que são as árvores desse jardim regadas com o suor do escravo, suor venenoso, que as impede de florescer, ao mesmo tempo que a terra do norte, dado que com ela a natureza se mostrasse um tanto esquiva, rende-se todavia aos esforços engenhosos e perseverantes do trabalhador livre e lhe acode com os seus tesouros. É unicamente o trabalho esclarecido do homem, que as riquezas criam que imprime valor aos objetos que o cercam; sem ele as mais favorecidas regiões do globo nenhuma vantagem e utilidade acareariam à existência da raça humana. A pobreza e a miséria lavram na bela e formosa terra da Itália, quando a opulência brilha debaixo do céu desabrido e severo, que balanceiam as pálidas ondas do Tâmis ²⁷.

²⁷ Além da escravatura, o sul tem que precaver-se contra um outro mal, a presença dos numerosos negros libertos em seu território. A fim de varrer o solo desta ruim laia de população, uma sociedade de colonização fundou em 1820, na costa de Guiné ao 7º grau de latitude norte, um estabelecimento com o nome de *Libéria*. No princípio de 1834 três mil negros continha a colônia, resultado este em verdade pouco satisfatório, quando se considera que nos quatorze anos, que decorrem desde a fundação de *Libéria*, nasceu

Quantas diferenças deixamos acima estabelecidas entre os diversos estados de uma mesma nação, segundo que possuem ou não escravos, podereis aplicar à América espanhola. Olhai para Cuba e Porto Rico. Durante vinte anos o tráfico de africanos feito com incrível atividade sob o pavilhão espanhol dava por resultado imensa importação de escravos em Cuba, onde um extenso comércio produziu massas de capitais que acharam emprego na revoltante especulação. Quanto a Porto Rico, durante aquele mesmo trato de tempo, conservou-se puro do tráfico fatal; não existiam no país fortes capitalistas nem mercadejantes de escravos. De outro lado não havia também vantagem em importá-los, visto que seu trabalho não podia sustentar concorrência com o dos obreiros livres. Desta diversidade de situação dimanaram consequências diferentes para um e outro país. Idêntica à do sul dos Estados Unidos é a história industrial de Cuba, entretanto que Porto Rico distingue-se por sua atividade, inteligência, industrialismo, e o que mais é, oferece cabal desmentido à opinião sustentada pelos proprietários de escravos, que o sol dos trópicos inabilita o colono livre para os trabalhos da agricultura. O Coronel Flinder, em cuja obra acerca do estado atual de Porto Rico abundam os fatos em favor do sistema do trabalho livre, atesta que as produções de Porto Rico, como o café, o açúcar, o tabaco, o anil, são quase em totalidade o fruto da indústria dos colonos europeus e dos cultivadores livres do país. Em 1832 o cultivo da cana produziu 414.717 quintais de açúcar (cada quintal de 112 libras inglesas), e segundo o Coronel Flinder os dois terços desta quantia foram produzidos por braços livres: sobre o total de 250.000 quintais de café colhidos no mesmo ano, apenas 20.000 foram

nos Estados-Unidos uma quantidade de escravos passante de 700 mil. A sociedade de colonização tem calculado o transporte de cada liberto a 38 dólares (réis 38400). Ora, que grandíssimo dispêndio não é mister fazer para eliminar a raça negra, quando os nascimentos enchem por um lado o que a colonização vaza fora pelo outro.

devidos ao trabalho servil. “Com o volver do tempo, diz o Coronel Flinder, a cultura dos produtos coloniais tornar-se-á menos dispendiosa, mais profícua e incontestavelmente mais humana pelo emprego de colonos livres de preferência aos escravos. Fiz disso experiência sobre uma plantação de café que me pertencia; vi ensaios da mesma natureza tentados sobre plantações de anil (os dois ramos da agricultura colonial mais penosos e insalubres), e sempre de minhas observações depreendi ser menos dispendioso o empregar homens livres do que escravos”.

Vede a diferença que lavra entre Caracas, Aragua, Carora e Merida. Em Caracas povoada de escravos e cujas reminiscências inspiram tanto horror, as classes livres, por um falso sentimento de orgulho de modo algum se aplicam às artes mecânicas, e como estas sejam exclusivamente devolvidas aos cuidados dos escravos, os homens de baixa condição para furtar-se ao desprezo dão-se à profissão menos desonrosa de recorrer à caridade pública. De 50 mil habitantes que contém Caracas, 3 mil constam de mendigos²⁸. Se desgostoso do miserável espetáculo da indolência deste país, o viandante sobe às montanhas de S. Pedro, que separam Caracas dos belos vales de Aragua, e daí desce à vila do mesmo nome, que demora na parte oriental do Lago de Valença, onde não existem senhores, nem escravos, cuida-se transportado para o seio de um povo totalmente diferente.

“Ali, diz Depont²⁹, veem-se os produtos coloniais cultivados com suma perfeição, moinhos de água, edifícios soberbos destinados ao fabrico e preparação dos mesmos produtos. Cumpre-me ajuntar, que obreiros livres, pagos a jornal, executam os trabalhos os mais

²⁸ Depont. *Viagem à parte meridional de Terra Firme*, t. III, e. x, pág. 108.

²⁹ Id. Tom. III, cap. x, pag. 150.

afanosos e que a riqueza, o asseio, os bons costumes de todos os lados resplendem”.

Outro tanto, diz M. de Humboldt de Carora, situada a 10 graus somente do Equador e de Merida, sob o oitavo grau e 8 minutos ao norte, vilas estas florescentes ambas na agricultura e ambas estremes da servidão doméstica ³⁰.

Desnecessário julgamos o ir por diante, continuando a amontoar aqui quantos exemplos tirados de alheias nações existem a este respeito e que tão numerosos se deparam. Os fatos citados sobejam, a nosso ver, para comprovar o acerto estabelecido no princípio deste artigo; e aos partidistas do trabalho servil dirigimos um desafio solene, para que nos mostrem um só povo possuidor de escravos que pudesse medrar na indústria e nas artes úteis. Aquele acerto recebe nova confirmação do que infelizmente no Brasil observamos. Qual é a razão, por que o Brasil, que com tão largos passos há progredido na carreira da vida política, é ao mesmo tempo um dos países mais atrasados na indústria? Por que tanta diferença entre o Brasil político e o Brasil industrial? Favorecido no seu desenvolvimento político pelas mais favoráveis circunstâncias, herdeiro dos frutos elaborados na longa civilização da Europa e da sua experiência tão caramente adquirida, sem ter que lutar com as resistências do passado, amparado pelas florestas de um lado e pelo Atlântico do outro contra a ambição estrangeira, o gênio do Brasil tem realizado em um pequeno número de anos aquilo que à velha Europa custou largos séculos de dolorosas tentativas. O seu desenvolvimento industrial, porém foi retardado pelo monstruoso corpo estranho implantado no coração de sua organização social. A posse de escravos nos tem evidentemente impedido de trilhar a

³⁰ *Viagem às regiões equinóxicas*, t. V, liv. V, cap. 15.

carreira da indústria. Vede as consequências da escravatura! A sede dos públicos empregos e a esquivança para as profissões industriais são fatos muito gerais entre nós, e que amiudadas vezes não são assinalados pela administração como uma grave enfermidade do corpo político. O negociante, que pelas economias feitas sobre os benefícios realizados no seu comércio acumulou um certo cabedal, nenhum outro destino dá na generalidade dos casos aos seus filhos a não ser a carreira dos cargos do Estado. Os filhos, uma vez empregados públicos, consomem improdutivamente riquezas, que empregadas sob a forma de capitais no engrandecimento do comércio paterno lhes procurariam posição mais útil a si e à prosperidade material do país. O rico lavrador envia o filho a estudar nas capitais ilustradas da Europa não ciências que relação tem com a agronomia e lhe prestam indispensáveis luzes, mas sim, aquelas a que os prejuízos e o desprezo da indústria sabem dar certo verniz de aristocracia. Para que o mercador dedique o filho ao seu próprio estado, é de mister que inteiramente desvalido seja dos meios da fortuna; na hipótese contrária, as escolas de S. Paulo e Olinda o aguardam. Se destas classes volvemos àquelas que vivem entre a pobreza e a riqueza, não deparamos com menor aversão para as profissões industriais e nem menos gana dos empregos públicos, empregos que em muitos casos não podem rivalizar em lucros, com os que prometem a mais tênue e modesta indústria, a qual, além disso, nenhum sacrifício requer da independência individual, entretanto que os empregos públicos (digamo-lo de passagem) o mais das vezes implicam como condição de sucesso e de duração o ministerialismo sistemático, espécie de antropomorfismo, singular espécie de culto que não tem superstição, porque cessa quando o ministro cai, que não tem fanatismo, porque muda de dogma, quando

o ministro muda de sistema, religião de medo para uns, de respeito para outros, e de abdicação de liberdade para muitos. Desta tendência dos espíritos nasce a penúria de capacidades agrônômicas, fabris, comerciais e artísticas, em que labora o Brasil; daí uma das razões do deplorável atraso material da pluralidade de nossas províncias. Ora, com o menosprezar os trabalhos úteis, nós parecemos não conceber o espírito, e as necessidades do século em que vivemos. O mundo do século XIX admite e compreende tudo; compreende a jurisprudência, a guerra, a religião, a filosofia, o belo da poesia e das artes: ele é susceptível de veneração, de admiração e até de entusiasmo para Napoleão, Willberforce, Byron, David e Hegel, mas por momentos, quase sob a forma de distração. Sua ideia fixa, porém, a ideia fixa de todo o mundo não é aí que se cifra; o pensamento dominante está em outra parte. As sociedades modernas são essencialmente produtoras industriais, votadas ao acréscimo da riqueza. O mundo moderno com suas estradas, canais, caminhos de ferro, com suas engenhosas oficinas, máquinas de vapor, bancos, instituições industriais de todos os gêneros, apresenta o aspecto de um vasto *bazar* e de uma imensa fábrica. Na hora em que traçamos estas linhas, a indústria, conquistadora irresistível, tem tudo invadido na Europa. No asilo do cenobita fia-se algodão; as torres cedem o lugar às chaminés das máquinas de vapor; a igreja gótica é transformada em armazém, a solidão dos bosques turbada pelas pancadas do machado do fornecedor das fundições; ao fim os fornos, o fumo, os cíclopes expeliram desapiedadamente o caçador aventureiro e o pio solitário.

Pela sua influência soporífera sobre as faculdades industriais dos proprietários obra sem dúvida a escravatura como um grande mal; mas neste ponto não se esgotam as suas consequências

relativamente à riqueza e prosperidade do país. Em resumo, a escravatura após de si arrasta os seguintes inconvenientes: 1º a inércia das classes livres; 2º a dificuldade da imigração dos colonos europeus, que de modo algum se querem expor a concorrer com escravos; 3º a impossibilidade do uso das máquinas; 4º o estado de pobreza da nação, pela limitada produção, pela imperfeição dos produtos, resultado da indolência e incapacidade do escravo; 5º a lentidão da marcha da população.

F. S. TORRES-HOMEM.

Texto transcrito pelo acadêmico Eder Deivid da Silva, do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação dos professores Marcia Andrea dos Santos e Marcos Hidemi de Lima. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto "Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal". Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no exemplar do primeiro volume da *Revista Nitheroy* oferecido pela coleção Brasileira, da Universidade de São Paulo, cuja ficha completa se reproduz a seguir:

Título: Nitheroy : revista brasiliense, ciencias, letras e artes, t. 1, n. 01,

1836

Título alternativo: [Niterói : revista brasiliense, ciências, letras e artes]

Local de Publicação: Paris : Dauvin et Fontaine, Libraires

Ano de Publicação: 1836

Descrição Física: p. 1 - 186

Idioma: Português

Patrocínio: Ministério da Cultura - Programa Cultura e Pensamento

Assunto:

Astronomia

Escravidão

Economia

Ensaio literário

Música

URI: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/03512810>

Tipo: Periódico

Conteúdo:

SUMÁRIO

- Ao leitor

- Astronomia dos cometas, por C. M. D'Azeredo Coutinho (p. 7 - 34)

- Considerações econômicas sobre a escravatura, por F. S. Torres Homem (p. 35 - 82)

- Reflexões sobre o crédito público e sobre o relatório do Ministro da Fazenda, por F. S. Torres Homem (p. 83 - 131)

- Ensaio sobre a História da Literatura do Brasil, por D. J. Gonçalves de Magalhães (p. 132 - 159)

- Idéias sobre a música, por Manuel de Araújo Porto-Alegre (p. 160 - 183)